



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
PÓLO UNIVERSITÁRIO DE ACARÁ
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS NATURAIS

ELIANE LACERDA CASTRO

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PARTEIRA NUMA COMUNIDADE RURAL DO
MUNICÍPIO DE ACARÁ - PARÁ: Entre saberes e práticas tradicionais.**

ACARÁ-PA
2019

ELIANE LACERDA CASTRO

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PARTEIRA NUMA COMUNIDADE RURAL DO
MUNICÍPIO DE ACARÁ - PARÁ: Entre saberes e práticas tradicionais.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará UFPA, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Ciências Naturais.

Orientador: Prof. Dr. Jones da Silva Gomes

ACARÁ-PA
2019

ELIANE LACERDA CASTRO

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PARTEIRA NUMA COMUNIDADE RURAL DO
MUNICÍPIO DE ACARÁ - PARÁ: Entre saberes e práticas tradicionais.**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. Jones da Silva Gomes, apresentado à Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo FADECAM/UFPA, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Ciências Naturais.

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jones da Silva Gomes
Orientador
Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. Dr. Ronaldo Lopes de Sousa
Examinador interno
FADECAM – Campus Abaetetuba/UFPA

Prof^a. Dr^a. Lucielma Lobato da Silva
Examinador externo
SEDUC-PA

ACARÁ-PA
2019

A Edineia Maia minha Mãe, pelo amor sem medida, compreensão, cumplicidade, apesar da distância, nunca me desamparou;

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por Ele ser o impulsor da minha força e superação para enfrentar momentos difíceis e instruir para concluir mais essa etapa.

A toda minha família, que sempre me incentivou e apoiou durante essa caminhada;

A minha mãe (Edineia Maia), mulher guerreira que sempre me apoiou no alcance desse sonho que é tão meu quanto dela;

As minhas irmãs (Elinaira, Estela, Edayza, Sabrina Monamy), pessoas que amo muito, que nas horas difíceis que passamos sempre me compreendiam e torciam por meu sucesso;

A minha tia (Maria Raimunda), que sempre esteve torcendo e motivando com suas palavras;

Ao meu amor, por toda paciência em escutar minhas “aflições”, por me entender e apoiar nos momentos bons e difíceis;

A Universidade Federal do Pará que oportunizou a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

Com carinho, aos meus professores pela contribuição de seus conhecimentos que foram fundamentais neste processo para minha formação;

Em especial, o Professor Jones da Silva Gomes, que se disponibilizou a ser meu orientador.

A minha colega de turma, Dalva Foro, uma mulher inspiradora e batalhadora, que foi muito importante com suas palavras e idéias motivacionais.

A pessoa que entrevistei a Sr^a Maria da Paixão Maia Lacerda, por depositar sua confiança em mim através de sua história, que foi fundamental para a construção desse trabalho.

E a todos que diretamente contribuíram para que eu pudesse está realizando esse grande sonho e alcançar meu objetivo da formação acadêmica.

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS!

“A vida é uma dádiva de Deus! Ser grato só custa o nosso reconhecimento a Sua bondade e nosso serviço a Sua pessoa.” (Ricardo Davis Duarte).

RESUMO

Esta monografia constitui estudo descritivo de caráter qualitativo, considerando a história de vida como caminho metodológico para apreensão de uma temática sempre atual que seja as práticas tradicionais e sua importância para uma educação do campo inserida as novas modalidades e exigências do conhecimento. Saltam aos olhos trabalhos relevantes como de Michael Pollak (1992), Maria da Glória Gohn (2006), Iraci de Carvalho Barroso (2001), Gissele Silva (2006), Maria Cecília Minayo (2004), e tantos outros. Desenvolvidas ao longo de gerações nos campos e cidades das mais diversas sociedades; as práticas tradicionais são aqueles conjuntos de crenças, saberes, fazeres que detenham sujeitos em seu tempo histórico e social, e, sobre o qual, produzem-se formas de experiências que de todo, influenciam a vida de uma comunidade. Este estudo permite adentrarmos nas práticas de uma parteira da Comunidade Santíssima Trindade, Acará, Brasil, com o objetivo de relatar sua trajetória como parte de outras histórias, a partir da prática do parto na comunidade, e, que a colocam no âmbito de portadora de saberes e memórias reconhecidamente importantes para aqueles moradores. Neste sentido, optou-se por entrevistas semi-estruturadas, observação participante e a conversação com a referida parteira, no intuito de compreendermos suas histórias, como elemento de historicidade que permita pensarmos uma educação não formal inserida aos conhecimentos presentes ou não nas Escolas do Campo. Por isso, dividimos o texto em três capítulos (1- Parteiras e Benzedeira: Uma abordagem acerca do saber tradicional; 2- História de Vida de uma Parteira tradicional na comunidade Santíssima Trindade no município de Acará e 3- Os Saberes e Práticas do Partejar: Aprendendo e Ensinando). Os resultados expõem a história de vida de uma única parteira e suas histórias de vida na comunidade Santíssima Trindade, destacando-a como detentora de um rico e complexo saber sobre saúde e medicina popular das comunidades onde atuava. Portanto, a pesquisa nos conduziu para análises destes saberes, bem como, das práticas exercidas até hoje; tais relatos e experiências desafiaram-me, enquanto discente do curso de Licenciatura em educação do campo a pensar as técnicas envolvidas no parto como saberes válidos, e, vinculados à promoção da saúde nas comunidades rurais da Amazônia.

Palavras-chave: Parteira/Benzedeira. Memória. Conhecimentos, Saberes e Práticas Tradicionais.

ABSTRACT

This monograph constitutes a descriptive study of qualitative character, considering the life history as a methodological way to apprehend an ever current theme that is that of traditional practices and its importance for a field education inserted the new modalities and requirements of knowledge. Relevant works such as Michael Pollak (1992), Maria da Gloria Gohn (2006), Iraci de Carvalho Barroso (2001), Gissele Silva (2006), Maria Cecília Minayo (2004), and many others are striking. Developed over generations in the fields and cities of the most diverse societies; traditional practices are those sets of beliefs, knowledge, and actions that hold subjects in their historical and social time, and upon which forms of experiences are produced which in all influence the life of a community. This study allows us to enter the practices of a midwife of the Holy Trinity Community, Acará, Brazil, with the objective of reporting her trajectory as part of other histories, from the practice of childbirth in the community, and which place her in the ambit of bearer of knowledge and memories admittedly important to those residents. In this sense, we opted for semi-structured interviews, participant observation and conversation with the midwife, in order to understand their stories, as an element of historicity that allows us to think of a non-formal education inserted into the knowledge present or not in the School Schools. . Therefore, we divided the text into three chapters (1- Midwives and Benzedeira: An Approach to Traditional Knowledge; 2- Life Story of a Traditional Midwife in the Holy Trinity Community in Acará County; and 3- The Knowledge and Practices of Partire: Learning and Teaching). The results expose the life story of a single midwife and her life stories in the Holy Trinity community, highlighting her as having a rich and complex knowledge about health and folk medicine in the communities where she worked. Therefore, the research led us to analyze this knowledge, as well as, the practices exercised until today; These reports and experiences challenged me as a student of the degree course in rural education to think of the techniques involved in childbirth as valid knowledge, and linked to health promotion in the rural communities of the Amazon.

Keywords: Midwife/Benzedeira. Memory. Knowledge, Knowledge and Traditional Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I	13
1. PARTEIRA E BENZEDEIRA: UMA ABORDAGEM ACERCA DO SABER TRADICIONAL	13
CAPITULO II	17
2. HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PARTEIRA TRADICIONAL NA COMUNIDADE SANTÍSSIMA TRINDADE NO MUNICÍPIO DE ACARÁ	17
CAPITULO III	26
3. OS SABERES E PRÁTICAS DO PARTEJAR: APRENDENDO E ENSINANDO	26
3.1 Experiência no ofício de partejar: Com quem aprendeu	26
3.2 A gestação (gravidez)	28
3.3 Natureza do saber: Parto natural e métodos tradicionais	28
3.3.1 Os métodos tradicionais não farmacológicos utilizados.....	28
3.4 A melhor posição de dar á luz	31
3.5 O ambiente e o material usado no parto pela parteira	31
3.6 Dequitação: Desprendimento da placenta	32
3.7 Puerpério: Pós-Parto	33
3.8 O Resguardo: Recomendação parturiente e bebê	33
3.9 Cuidados alimentares da parturiente	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA PARA A PARTEIRA	42
ANEXO B - TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA	44
ANEXO C - TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM	45

INTRODUÇÃO

A monografia intitulada **História de Vida de uma Parteira numa Comunidade Rural do Município de Acará - Pará: Entre Saberes e Práticas Tradicionais**. Será abordada a partir das memórias de uma parteira¹. Tendo como principal contexto a sua história de vida e seu conhecimento no campo da medicina tradicional e cultura popular. A temática, portanto nos proporcionará explorar os conhecimentos empíricos da Dona Maria da Paixão Maia Lacerda, mediante a sua trajetória de vida numa comunidade, atividade que se evidencia a partir do seu processo de mudança, justamente pelo seu desaparecimento ou esquecimento.

Desta forma, consideramos frisar reflexões acerca dos saberes popular e a importância do trabalho desenvolvido por parteiras no âmbito das comunidades rurais da Amazônia, onde a medicina oficial pouco atuava. Atualmente esses conhecimentos tradicionais com relação o exercício da prática do parto não mais acontecem na comunidade, contudo, as memórias da antiga parteira em confronto com a modernidade permitem-nos pensar toda uma gama de saberes e práticas validas àquela época, e, que podem servir de referencia para os dias atuais.

A partir desta pesquisa pude entender o quanto às parteiras foram pessoas que se destacaram nas comunidades, porque promoveram saúde atrelada aos cuidados humanitários através de uma medicina holística², o que caracteriza um aprendizado sem nenhum tipo de formação acadêmica. Considerando que os alicerces da aprendizagem daquele período, se desenvolviam por intermédio de uma educação não formal, ou seja, conhecimentos que se transmitiam através da oralidade de pessoa para pessoa, suponho que foi muito difícil levar tais cuidados ao máximo possível de pessoas.

Os motivos pelos quais me levaram a optar por trabalhar essa temática, em primeiro lugar porque sou neta da parteira portadora desses saberes e práticas, o que deixa em evidência a proximidade afetiva com a entrevistada e fonte de pesquisa, ao mesmo tempo que traz a falas aos fatos que remetem a uma historicidade sobre a arte do parto como prática

¹Parteira: É descrita como a mulher que assiste parto eventualmente ou com frequência, “legitimadas por sua comunidade, a partir da sua experiência ou vocação” (TORNQUIST, 2005, p. 23). Ou seja, uma mulher que dá suporte físico e emocional a outras mulheres antes, durante e após o parto. E que também são conhecidas como comadre, aparideiras, madrinha, etc.

²Medicina holística refere a um tipo de tratamento que visa tratar o ser humano como um todo sem recorrer a medicamentos sintéticos, somente a base de remédios naturais e com credibilidade as crenças, que eram levando em conta todos os aspectos físicos, sociais, espirituais e psicológicos, através de um atendimento individualizado SHENCKEL (2013).

tradicional no campo, por isso escolhi a história de vida como possibilidade descritiva e de análise; em segundo lugar, pontuo a necessidade de retomar a memória de uma parteira, como um saber envolto por crenças, técnicas, conhecimentos e de demonstrá-lo a luz de seu tempo histórico, considerando sua atualidade para as novas gerações.

Em terceiro lugar, realizo esse trabalho, levando em conta a possibilidade de servir de fonte de pesquisa e informações no processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar das escolas do campo. A educação do Campo como sabemos é uma modalidade de ensino que atende as especificidades e dispõe uma proposta educacional que contempla, respeita e valoriza os saberes dos povos que vivem no campo, por intermédio da pedagogia da alternância. Neste sentido, o estudo sobre o tema do partejar, expressão oriunda da fala da parteira, está relacionado a dois campos do conhecimento que me foi possível intercalar ao longo do curso em licenciatura em educação do Campo.

O das ciências humanas quando abordo o contexto histórico da parteira, suas memórias, e, de como elas me apresentam a vida de uma comunidade; bem como, o das ciências naturais que versam sobre conhecimento das propriedades naturais e seus benefícios a saúde humana, caracterizando assim uma medicina popular, oriundas de diversas matrizes étnicas e suas formas religiosas; destacando-se as indígenas/pajelança, negras oriundas de matrizes ancestrais africanas e européias/catolicismo popular de devoção aos santos.

Nesse sentido, faz-se também uma análise bibliográfica mediante os trabalhos de autores como de Pollak (1992) que tratou da questão memória e sua relação com identidade social, abordagem que apliquei especificamente no âmbito da história de vida; Gohn (2006) que busca refletir sobre a educação não-formal e seu papel nas sociedades camponesas, onde estes conhecimentos geralmente não são levados em conta pela escola; Barroso (2001), que aborda os saberes e práticas das parteiras tradicionais no Brasil; Silva (2006), que problematiza a prática das benzedadeiras no mercado do ver-o-peso; e, por fim, Minayo (2004) que me permitiu aproximar a pesquisa qualitativa dos objetivos propostos inicialmente. Minayo (2004, p. 30) “considera que a pesquisa qualitativa muito contribui para as investigações a respeito das representações e valores culturais dos grupos sociais”.

Por isso, que em relação à metodologia da pesquisa, trata-se de uma abordagem qualitativa sobre os saberes e práticas de uma parteira tradicional, através da modalidade história de vida. A importância desse método, que possibilita adentrar na trajetória histórica do entrevistado, permite que os indivíduos contem suas histórias, falem de si, recorram a sua

memória, suas lembranças e suas testemunhas. Que não só contem, mas, que apreciam sua identidade, valorize sua história. Fazendo com que “desse modo, busca-se que as pessoas envolvidas, suas comunidades e identidade cultural, bem como os autores, sejam asseguradas em seus direitos individuais e coletivos, sem qualquer agressão a seus valores e idéias” (COSTA, 2015, p. 24).

Para Nogueira et al. (2017), em termos gerais poderíamos auferir que o método de história de vida esta presente na metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador “escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta”. Nesse processo, identifiquei que o meu vínculo com a parteira e a confiança mútua, também influenciaram na escola da parteira entrevistada, minha avó permitiu-me escutar suas histórias desde muito tempo, e, influenciadas por elas também quis atrelar as minhas pesquisas.

Faço ressaltar que todo o material transcrito e discutido com minha entrevistada permitiu-me também pensar a comunidade; o lugar de onde ambas viemos, e, como o que nos aproximou nesta pesquisa. Por isso, voltei de diversas maneiras a comunidade Santíssima Trindade, localizada à cerca de 20 km da sede do município de Acará – PA, e, todo este processo decorreu entre Março a Julho de 2019; após as coletas de dados, analisamos as falas, e intercorremos o dialogo com outras fontes, contextualização as práticas das parteiras e suas representações, além de ir aprendendo sobre o parto como processo formativo e histórico-cultural.

Escolhemos as entrevistas semiestruturadas, porque nelas, em geral as perguntas são abertas, fazendo-se uso da conversa induzida e estimulada. A entrevista semiestruturada institui uma técnica de pesquisa onde as pessoas se pronunciam e expõem suas experiências entre relatos e depoimentos. Isso me permitiu escutar por longas horas minha entrevistada, e, além de recordar imagens de outras histórias que vivemos juntas, permitiu-me aproximar o conhecimento que adquirir na faculdade com seus saberes.

O motivo pelos quais escolhi apenas uma entrevistada (Sr^a. Maria Paixão Lacerda.), deriva do fato dela ter um reconhecimento a partir da sua atividade na comunidade e ainda estar viva; em seguida considero que além de parteira é também benzedeira o que intensifica a procura aos seus saberes relacionas a cura, e, ou saúde. Por último, considerando estes fatos concretos de uma historicidade que me atei como Pollak a: “esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem

obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos.” (POLLAK, 1992, p. 3).

Neste sentido, tal estudo teve por *objetivo principal* investigar a história de vida, os saberes e práticas tradicionais de uma parteira e como se processavam essa atividade na comunidade Santíssima Trindade, localizada no município de Acará – Pará, Brasil, na tentativa de também compreender o contexto mediante o qual um saber tradicional relaciona-se com a arte de partejar; e de como isso se escreveu na história de vida da Dona Maria, parteira/benzedeira da comunidade Santíssima Trindade, através de seus testemunhos evidenciados em memória; assim como passei a conhecer e analisar os saberes e práticas entorna do ofício de partejar, e, de como isso está atrelado também ao ensinar.

Para isso, dividimos o texto em três capítulos: o primeiro intitulado de *Parteira e Benzedeira: Uma abordagem acerca do saber tradicional* inicia um debate teórico que permeia acerca dos saberes a partir de uma abordagem onde permite entender como define esses trabalhos realizados por essas pessoas, que estão relacionados a essa cultura. No segundo, dei ênfase a *História de Vida de uma Parteira tradicional na comunidade Santíssima Trindade no município de Acará*, este capítulo tende por meio de um relato, apresentar a vida de D. Maria da Paixão Maia Lacerda trazendo a tona aspectos significativos da trajetória dessa mulher de cura.

Por fim, no terceiro capítulo abordei *Os Saberes e Práticas do Partejar: Aprendendo e Ensinando*, momento em que fiz uma reflexão sobre os ensinamentos originados pela oralidade que cerca o ofício do parto, considerando a importância do conhecimento empírico, na aprendizagem do ofício de partejar que está cercado de um conjunto de outros saberes. Por conseguinte, essas e outras indagações seguem em respostas no decorrer do texto, tendo como sentido de apresentar de forma suscita os resultados que expõem a história de vida de uma única parteira e suas histórias de vida na comunidade Santíssima Trindade, destacando-a como detentora de um rico e complexo saber sobre saúde e medicina popular das comunidades onde atuava. Portanto, a pesquisa nos conduziu para análises destes saberes, bem como, das práticas exercidas até hoje; tais relatos e experiências desafiaram-me, enquanto discente do curso de Licenciatura em educação do campo a pensar as técnicas envolvidas no parto como saberes válidos, e, vinculados à promoção da saúde nas comunidades rurais da Amazônia.

CAPÍTULO I

PARTEIRA E BENZEDEIRA: UMA ABORDAGEM ACERCA DO SABER TRADICIONAL

Para melhor compreendermos o estudo acerca deste capítulo, faremos uso de alguns referenciais teóricos, a partir de análises e reflexões em virtude de enriquecer a temática, entre eles: Lima (2009), sobre o saber tradicional no estuário amazônico; Barroso (2009), que aborda os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais; Silva (2006), sobre a prática das benzedeadas no mercado do ver-o-peso: um estudo sobre mulher, gênero e religiosidade, tendo estes como principais, além de outros autores pesquisados e citados.

Portanto, entende-se como saber tradicional o conhecimento construído historicamente a partir do conjunto de experiências vivenciadas pelos sujeitos em um espaço, na relação que estabelecem com o ambiente natural e social. Para Castro (2000, p. 169), “as ações práticas vivenciadas na relação homem/natureza possibilitam aos indivíduos a formulação e acumulação do conhecimento”. Neste sentido, entende-se que as experiências vivenciadas pelos sujeitos no meio natural, permitem a construção de múltiplos saberes, formados através da experiência cotidiana. Reitera Castro (2000, p. 169);

Que as diferentes formas de trabalho desenvolvidas no meio natural são importantes para a adaptação dos indivíduos, em um ecossistema de alta complexidade, e para a consolidação de uma cultura intimamente ligada à natureza, com o desenvolvimento de formas pouco impactantes no uso dos recursos naturais.

Ao longo do tempo o processo de adaptação, muito contribui para esta construção de idéias, opiniões e saberes imensuráveis dos sujeitos no meio em que vivem. E tornando assim, sujeitos multiplicadores de sábios conhecimentos. Portanto, os saberes e práticas tradicionais são informações apreendidas ao longo dos tempos. Neste campo do conhecimento, apresentamos os personagens popularmente conhecidos por parteiras e benzedeadas, que ao longo de gerações, foram pessoas dedicadas a cuidar da saúde das populações nas sociedades tradicionais³, ou mesmo nas pequenas cidades do interior da Amazônia.

Antes de começarmos a caracterizar quem são as personagens denominadas como parteiras e benzedeadas, é fundamental conceituar que suas atribuições específicas de lidar

³Populações tradicionais são “todo grupo comunitário humano, geralmente rural, que habita determinado território e dele se apropria de forma particular, subsidiada por seus hábitos, usos e costumes, construídos a partir da relação com o meio físico e social.” (LIMA, 2009, p. 4)

com a cura, o cuidado e o tratamento de determinada doença. Com exceção os cuidados do parto, onde em muitos casos ocorre a junção das duas práticas e saberes. Assim, e a atividade das parteiras que definem estas personagens, enquadra-se no que Barroso (2009, p. 7) fala que: “as parteiras tradicionais são personagens de uma história específica no “o ofício de partejar”. A maioria delas não sabe ler e nem escrever, transmitem seus saberes oralmente de mãe para filha, de avó para neta ou de comadre para comadre”.

Logo Pinto (2012a, p. 207), descrever as parteiras como herdeiras de uma: “tradição cultural que vem de longe, seus saberes, poderes e experiências se alternam e dialogam entre si. Suas práticas de partejar, benzer e curar, ao serem transmitidas por intermédio da oralidade, vão sendo desenvolvidas, ressignificadas, reinventadas e renovadas”. Com relação aos termos sobre as figuras que benzem e rezam. Silva (2006) considera as benzedeadas e curandeiras como pessoas que se utilizam de ervas, banhos e chás para curar doenças, além de utilizarem também as rezas e benzeções de caráter cristão, invocando santos católicos e o nome de Jesus e Maria.

Para reforçar este laço em relação às crenças ligadas ao catolicismo popular e pajelança na Amazônia, Maués (1990, p. 212) considera ser [...] “um especialista que, muitas vezes, agindo como simples experiente, e capaz de tratar de varias doenças”. Com tamanha sabedoria, elas foram e ainda são consideradas em muitas comunidades as pessoas mais competentes no atendimento a saúde da mulher, da criança e, muitas vezes sendo as sujeitas mais habilidosas mediante seu conhecimento as funcionalidades de erva e sua manipulação para produção de remédios caseiros e as práticas do parto. Portanto “esses saberes e fazeres são geralmente de conhecimento de muitas pessoas, uma vez que está inserido no cotidiano familiar” (MELO; MÜLLER; GAYOSO, 2013, p. 2)

Neste cenário em que se considera o saber-fazer das parteiras e benzedeadas como indicado aos acompanhamentos no Sistema de Saúde, é valido ressaltar que à ausência do poder público em reinseri-las dificulta ainda mais a promoção do parto humanizado. Contudo, em alguns lugares elas têm garantindo suas funções, a partir do seu conhecimento têm desenvolvido de uma forma peculiar em meio aos desafios de continuidades suas práticas tradicionais. Lima (2009, p. 4), Ressalta que:

Os diversos saberes desenvolvidos por populações tradicionais são resultantes da íntima relação que os sujeitos estabelecem com o meio natural e entre si, exercendo assim a territorialidade, em um processo contínuo de acúmulo, elaboração e reelaboração de conhecimentos diversos.

Neste sentido, a relação estabelecida em meio às populações tradicionais⁴ nasce consigo um conjunto de idéias, saberes, que se integram a novos conceitos e tradições culturais, “uma vez que entendemos por tradições as coisas ditas no passado e transmitidas até nós por uma cadeia de interpretações, é preciso acrescentar uma dialética material dos conteúdos à dialética formal da distância temporal.” (COSTA, 2015, p. 17).

É o que atesta também este preâmbulo do Grupo Curumim (2000, p. 9) quando associam ao simbolismo do parto como o momento especial na vida das pessoas, já que se trata de um gesto de amor;

As mulheres passam de geração para geração seu conhecimento sobre a sexualidade, sobre o corpo e a reprodução. O resgate deste saber é fundamental para se conservar a intimidade dos partos, para se preservar o parto como um momento da vida sexual e amorosa das pessoas. As parteiras são partes dessa simbologia do parto como um momento de amor (GRUPO CURUMIM, 2000, p. 9).

Portanto, os saberes e práticas, a partir desse contexto estão simultaneamente ligados a uma série de percepções culturais, entre o modo de se relacionar com as pessoas, o conhecer a natureza e como utilizar os recursos que ela oferece, ou seja, tudo está além de um simples acontecimento, mas, em volta um cenário do acompanhamento do parto, acompanha-se a cura das enfermidades, as rezas e suas crenças, e, fundamentalmente para aqueles de regiões distantes, sem os serviços essenciais de saúde, são ainda as únicas alternativas. É o que ressalta Pinto:

Esta prática é muito comum entre os grupos populares, fundamentalmente os da zona rural, já que, na maioria dos casos, é o único meio de que dispõem para tratarem da saúde, uma vez que, nas condições em que vivem, não têm como se consultar com médicos especialistas. Daí utilizarem os tratamentos considerados “informais” (PINTO, 2012a, p. 202).

Com base a fala da autora, quando ela alocação sobre o meio de cuidar da saúde, em muitos casos, mesmo que ainda tenha na comunidade ou cidade um sistema de saúde com profissionais formados, há sempre pessoas que recorrem às experiências e conhecimentos desses experientes atrelados os saberes tradicionais e que muitos valorizam essa sabedoria.

Visto que, em meio toda essa prática e inúmeros saberes, há sempre momentos que distingue o modo que cada pessoa realiza seu trabalho, através de suas manobras, seu modo de agir e pensar, ou seja, toda pessoa que compartilha desse saber, traz consigo traços familiarizados de uma tradição cultural a sua realidade. Portanto, a educação e o

⁴ Populações tradicionais empiricamente “são as comunidades caiçaras, os sítiantes e roceiros tradicionais, comunidades quilombolas, comunidades ribeirinhas, os pescadores artesanais, os grupos extrativistas e indígenas”. (ARRUDA, 1999, 92)

conhecimento era algo admirável que se ensinava na própria família, o desenvolver das atividades, o respeito, a convivência humanizada e outros preceitos de harmonização dentro da comunidade.

Neste sentido, a educação do campo, é uma área de estudo que prioriza a importância das tradições e costumes dos povos do campo, onde essas pessoas com saberes estavam em sintonia com as outras gerações a partir da experiência que tinham nos processos que as realizavam enquanto seres humanos, trazendo consigo memórias e histórias através de um leque de acontecimentos reais de um povo, contribuindo para a construção de uma identidade sociocultural. Pensando nisso, que “este estudo contemplará relações de educação, cultura e sociedade buscando refletir a contribuição destes conhecimentos para o processo de educação popular demonstrados nos traços da cultura” (STUDNICKA, 2007, p. 4).

A educação popular a qual a autora enfatiza, atribuí o mesmo conceito da educação não formal, que em muito se aproxima do contexto das escolas do campo, bem como, a dos saberes que reconstrói identidades a partir da proposta da pedagogia da alternância. Com isso a educação não formal, constitui este vetor de intencionalidade nas experiências do agora, é o que destaca Maria da Glória Gohn: “há uma intencionalidade de ação a respeito do ato de participar, aprender, transmitir ou trocar saberes, ou seja, uma educação que trabalhar com coletivos e aprender no mundo da vida, a partir dos processos de compartilhamento de experiências” (GOHN, 2006, p.?). Descreve ainda Gohn (2006, p.?), que a educação:

Não formal ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. (GOHN, 2006, p.?)

Portanto, cabe ressaltar que a educação não formal, é um caminho diante do qual, perspectiva educativa favorece e desempenha técnicas de vivências inter-relacionais no meio social inserindo grupos ou personagens, tornando-os re(conhecidos) na sociedade local. Neste sentido, a finalidade da educação não formal é engendrar o saber tradicional, neste caso, as práticas e saberes de parteiras e benzedeiras dispendo tal conhecimento a sua comunidade. Assim, estas práticas são oriunda daquilo que: “se aprende no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.” (GOHN, 2006, p.?).

CAPÍTULO II

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PARTEIRA TRADICIONAL NA COMUNIDADE SANTÍSSIMA TRINDADE NO MUNICÍPIO DE ACARÁ

Nesse capítulo, apresento a história de vida de uma parteira/benzedeira a partir de relatos orais, na evocação da memória situa uma prática tradicional em meio à vivência numa comunidade rural, tal recurso a memória se justifica pela necessidade de manter um estado mental vivo, e, que segundo Pinto: “memória esta, que faz uma penosa viagem do pretérito para o presente em nome da cumplicidade, da confiança e da necessidade de se sentir vivo, capaz e sábio.” (PINTO, 2012b, p. 3).

Neste sentido, a memória é um “elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLAK, 1992, p. 5). Contudo, seja uma pessoa ou um grupo, eles são constituintes de sua identidade que vão muito além de uma viagem na memória, por isso, se faz necessário ao adentrarmos o universo da memória a condicionei aos aspectos da pesquisa, no intuito de apresentar resultados bem específicos.

Com base nesse contexto que a história de vida da entrevistada Dona Maria da Paixão Maia Lacerda conhecida popularmente como “Africana”, vem à tona, ou seja, como tentativa de repensarmos as contribuições de uma prática tradicional relacionada ao parto, bem como, aos processos relacionados à saúde da comunidade que pertencia. Dona Maria Paixão que está com seus 70 anos completos nasceu no dia 15 de Abril de 1949, pelas mãos de uma também parteira que chegou a conhecer na localidade Paraíso, sítio conceição integrada ao município de Acará, onde cresceu e morou até seus vinte anos de idade.

Maria estudou até os anos iniciais do ensino fundamental, pois sua vida com os trabalhos no campo, não deliberava tempo para se fazer presente no ambiente escolar, à mesma relata que sempre ajudava seus pais, o difícil acesso as escolas também contribuíram para não terminar os estudos. Com relação a este fato marcante de sua trajetória, ela nos conta como era sua vida no campo, vejamos a seguir:

Eu trabalhava em serviço assim de roça, trabalhava em casa ajudando meu pai cerrar cabeça de esteio pra fazer casa, ajudava também minha mãe nos serviços de casa, meu pai ele não tinha ajudante, era eu que ia com ele, ai ele marcada com lápis, né? Ai ia cortar pra ele as cabeças dos esteios, ai segurava tabuas pro meu pai pra fazer barcos, eu ia pra fazer viagens com ele com barco que ele não tinha motor né, na

ginga, quando foi um dia me deu um porre, que bebi água do fundo do barco eu fui pra Belém com ele quando eu cheguei em viagem, eu disse pai nunca mais eu venho, meu pai disse não você tem que vim, pois você e minha única filha que me da coragem, só tu que vem comigo, fazendo comida, fazendo café. Ai chegava naquela Conceição porto de Belém saltava por cima do miritizeiro, ia lá numa feirinha que tinha, fazer compra com ele. Ai a gente embarcava no casco de novo, vinha na ginga chegava ai em Tauau a maré vazava, a gente encostava na beira e ficava lá, imaginando que tinha farinha pra fazer no outro dia e a gente não tinha chego, e a mamãe ficava preocupada por que, que nos chegava, ai gente ficava lá naquela beira de rio. Ai quando amanhecia o dia, a maré enchia a gente vinha embora chegava em casa de tarde, comida tudo querendo estragar, mas era bom. Chegava em casa somente pela manha, ia fazer a comida pra comer pra ir pra trabalhar, ai quando foi um dia o meu pai disse: mas isso não é vida, ai eu disse: porque pai?, ele respondeu: é a mesma coisa, é a mesma coisa. Ai meu pai disse vamos fazer um plantio de café, ai ele saiu por baixo das plantações de açáí, das arvores de mangas. Ai depois ele disse, vamos também fazer uma plantação de cana-de-açúcar, ai eu disse borá, fizemos a plantação de cana, dava muita cana. Ele fazia açúcar, a gente não comprava mais açúcar e nem café porque a gente produzia. Se ele ainda tivesse vivo, Nos tava até hoje fazendo esse trabalho cuidando de café e de açúcar era tão bom trabalhar com isso. Há outra coisa, a lenha, nos tirava no inverno pra queimar no verão pra fazer a farinha, nos tinha roçado grande, nessas roças plantava a maniva, milho, arroz, até verduras. Quando era época de fazer a queima, ajudava meus pais, eu sempre trabalhei na roça desde pequena. (Entrevista).

Percebe-se na fala que o saber tradicional, os conhecimentos e o modo de lidar com a natureza são oriundos das formas de viver em um ambiente proporcional a sua realidade, ou seja, o campo. O convívio entre seus familiares faz jus a sua vida em relação essas tradições, desde quando nasceu, realizava estas práticas através dos saberes que foram sendo ensinados de geração para geração, daí a estreita relação destes aprendizados na vida dura que levava, e, o distanciamento da escola formal, fato comum nas áreas rurais do País.

Maria se considera uma mulher muito religiosa e se autodenomina católica, mantendo sua crença até os dias atuais, ressalta que através da sua fé, a arte de partejar começou a fazer parte da sua vida. Maués (2002), destaca isso como catolicismo popular um mecanismo religioso que possibilita caminhos para essas práticas tradicionais que passam a serem desenvolvidas por intermédio do cristianismo. Vejamos a seguir precisamente no relato da entrevista:

[...] Foi uma voz de Jesus que me ensinou a fazer parto, uma voz de Jesus que me ensinou. Fazia assim, e deu certo eu cortei o imbigio (umbigo) da criança quatro dedinhos, ai queimei com o mertiolate ai furei o pano dobrei em cima assim e amarrei o penso assim ficou chatinho com se não tivesse nada, ai lá caiu o imbigio dentro daquele pano, ficou bem sequinho. (Entrevista).

Para Maria, a arte de partejar era uma missão como uma dádiva, um dom que recebeu de Jesus para ajudar mulheres durante o momento do parto. Compreendido dessa forma, em grande maioria não havia pagamento em moedas, apenas o ato da solidariedade em ajudar as

peessoas, importante destaca que essas ações de vida prevaleciam muito mais do que valores simbólicos.

Como parteira acreditava que assistir ao parto é um dom que recebeu, ela cumpre a missão que lhes foram dadas, atendendo os chamados e recebendo como recompensa a gratidão de quem ajudou. Seus trabalhos muitas vezes eram retribuídos com gentilezas, respeito, dinheiro ou “um agrado qualquer”, o que ela passava a receber vem de encontro às condições da família muitas vezes só recebia alimentos ou não até certos casos. Mas para as parteiras o fato de realizarem seu trabalho como lhes foram impostas o resultado é a felicidade de dever cumprido entre longas jornadas e outras. (PINTO, 2002). Entre uma jornada e outra respondendo o chamado, Mascelani (2002, p. 113), Afirma que:

Contavam das noites sem dormir, do susto quando um ‘compadre’ vinha de longe buscá-las de canoa para fazer um parto numa ilha ou num igarapé distante. E também de suas vitórias e alegrias quando tudo dava certo e tanto as mães como as crianças sobreviviam cheias de saúde e histórias para contar.

Conforme as palavras do autor, as pessoas consideradas parteiras ficam com uma grande carga diária de trabalho, mesmo assim “não há tempo bom ou ruim, chuva ou vento, esteja escuro ou claro” (PINTO, 2002, p. 443). Segundo relatos da D. Maria da Paixão sobre o que achava de realizar essas práticas, a mesma fala que:

“Eu achava um pouco ruim né? Depois eu pensava, e dizia assim não eu vou ajudar da à luz a essa criança, porque depois ela vai ser torna gente, era meu pensamento que eu dizia quando eu ia fazer um parto, que eu tava na festa, ai iam me chamar, ai eu deixava a festa e ia, cansei de fazer isso, lá no Leãozinho⁵ acho que foi umas três mulheres que teve filho no dia de uma festa, logo, mas voltava pra festa depois da realização do parto, ai que ia beber cerveja, bebia cerveja, bebia muita cerveja, pra mim era uma felicidade beber os mijos⁶ dos filhos que os pais pagavam e nos tomava.” (Entrevista).

Em algumas dessas festas, Maria conheceu seu atual esposo, dois anos depois engravidou de seu primeiro filho. O casamento aconteceu no ano de 1969.

“Conheci meu marido em uma festa, estava no salão ele veio e me tirou pra dançar, dançamos até o amanhecer, nessa mesma festa tinha duas primas minha afim dele, mas ele não queria elas, ai né teve outra festa dançamos de novo, ficávamos nos encontrando, ai começamos a namorar, depois de 5 anos ele me pediu pra casar.” (Entrevista).

⁵Localidade integrada à Comunidade Santíssima Trindade.

⁶Nome popularizado: Significa as bebidas pagas pelo pai da criança em comemoração o nascimento do filho.

Logo após o casamento, mudou-se para sítio São José - braço⁷ do Itapiocada, local que é integrado à comunidade Santíssima Trindade, onde teve sete de seus oito filhos. Alguns de seus partos foram domiciliares, atendidos por outras parteiras que também vivia naquela época na localidade. Dos seus oito filhos, sete nasceram de parto normal.

“A Edineia nasceu em casa, com duas parteiras conhecidas a Gregória e Luzia. Pesou 3900 kg. Eu mesma me examinava! O Edinho nasceu em casa, eu mesma fiz o parto. Pesou 2650 kg (pesei na balança de pesar peixe, coloquei um monte de papel em cima, depois a criança. A Edna nasceu em casa, com ajuda da parteira Gregória. Pesou 2700 kg. A Ediane nasceu também em casa, também com uma das primeiras parteira a Luzia. Pesou 2800 kg. A Maria Raimunda nasceu em casa, com uma vizinha a Rosa gritei pro vizinho, mande sua mulher vim me ajudar, ai ela chegou pra me acudi. Pesou 2600 kg. O Reginaldo nasceu em casa, também com a parteira Luzia. Pesou 3900 kg. A Elenilze nasceu em casa, com a parteira Romana. Pesou 2750 kg. O Enilton ultimo filho nasceu em Belém no Hospital São José, pesou 2900 kg. Eu não fiz pré-natal dos sete primeiros filhos, já fui fazer do oitavo porque tive que operar, precisava do acompanhamento do medico.” (Entrevista).

Conforme Nascimento et al. (2009) é intrigante o número de parteiras que aprendem sozinhas, muitas delas fazendo seus próprios partos sem a ajuda de ninguém. Visto que é uma realidade bem evidente, tanto é que a entrevistada relata essa prática do parto ocorrido durante o nascimento do seu segundo filho. Sobre sua vida, relata que [...] *era mãe, pai, dona do plantio, parteira e benzedeira, eu fazia tudo sabe* [...], pois, naquela época seu esposo trabalhava na cidade no Cantinão⁸ uma espécie de prédio com atendimento os produtores rurais.

A história que integra sua vida ao catolicismo é perspicaz a sua fé e as demonstrações religiosas diante do ensinamento repassado dos seus pais, que eram muito ligados à igreja católica. Maria casa-se com uma pessoa que não continha tanta relação com a igreja, como era a sua, ela nos conta que: [...] *leveí dois anos e três meses só eu andando com os filhos pra comunidade (Igreja Santíssima Trindade), pra depois conseguir levar o velho (esposo) pra igreja pra batizar a primeira filha*. No sitio São José⁹ residiram por cerca de 30 anos.

Durante certo período de sua vida, Maria apresenta grave problema de saúde, ocasionado através um acidente no trapiche¹⁰ da sua antiga casa, que torna ser perceptível até os dias de hoje. Nessa época ela encontra vários desafios por morar numa localidade de difícil

⁷ Nome popularizado: O verdadeiro nome entre pesquisas é “Sacado” braço de rio ou igarapé que surge a partir do rompimento ou mudança de leito. Isso ocorre ao depósito ou remoção de sedimentos.

⁸ Associação e comércio de atendimento aos agricultores.

⁹ O sítio São José (comunidade Santíssima Trindade) é herança de família repassada, então a família da D. Maria depois de alguns anos.

¹⁰ Trapiche: É um pontilhão de madeira que avança à água em rio ou mar.

acesso, os trajetos pra chegar até sua casa, eram árvores colocadas na travessia de igarapés e locais alagados, veículos pra cidade só nos finais de semana, quando não, viajava para Belém pra cuidar da saúde, percurso entorno de onze horas de barco até seu destino.

Mesmo entre uma dificuldade e outra, D. Maria se dedicava aos trabalhos da roça ou qualquer atividade ligada ao campo, como por exemplo: as produções da farinha de mandioca, colheita de açaí, coleta da pimenta-do-reino, fazendo roçado, extraindo óleo de andiroba e leite-de-amapá, para sua produção de remédios naturais, ou seja, cresceu em meio às riquezas da floresta. Percebemos que as populações tradicionais criam estratégias que lhes permitem se adaptar ao trabalho e usufruir dos recursos que lhes são disponíveis em seu meio habitat (SILVA et al, 2007).

Entre atividade e outra do seu dia-a-dia, alguém sempre a procurava, necessitando seu trabalho tanto como parteira quanto benzedeira. Seu saber-fazer são reflexos da complexidade do sistema de saúde dessas populações tradicionais. “É por meio de suas rezas, remédios e conselhos que expressa sua identidade de “guardiã de conhecimentos da floresta”, de mulher de fé e médica desses povoados.” (ZÚÑIGA, 2017. p. 136).

A Maria, como parte da população tradicional e mulher importante na medicina tradicional da comunidade, onde grande número de pessoas recorrem aos seus cuidados, tornando-a cada vez mas, uma referência de um saber tradicional inexplicável, bem como, uma relação única e profunda com a natureza e seus ciclos, que segundo (DIÉGUES, 1998) caracterizam esses modos. Normalmente, em relação ao seu ofício, durante o dia no período da tarde era o horário que ela recebe mais visitas, ainda menciona que executa outros tipos de atividades (*benzição*¹¹) até o horário das dezoito horas. Isso perpassa o respeito sagrado quando a invocação de santos para o auxílio da prática ocorria com mais força e a mesma chegando a passar mal.

Faz 20 (vinte anos) que D. Maria parou de realizar partos, mas continua dando assistência as puxações de gestantes que ainda á procuram (Figura 1). Visto que, devido à modernidade, o acesso as políticas públicas “hospitalares”, a prática de realizar partos foi

¹¹ Segundo Heraldo Maués (1994), a benzição é uma atividade que acontece acompanhada de orações específicas e variadas em um ritual apropriado, em que sua finalidade é tratar as doenças não-naturais. Durante esse processo, o paciente fica sentado de costas para o benzedor que lhe põe as mãos sobre a cabeça, reza orações católicas e o asperge com água benta usando uma vassourinha (planta), arruda e hortelãozinho.

ficando desconhecida. Nos dias de hoje a mesma atende pacientes atrelados a vários tipos de doenças não-naturais¹².

Figura 1– Atendimento da dona Maria a uma mulher gestante de 7 meses



Fonte: Lacerda-Castro, 2019.

Como se observa na figura 1, Maria prestar atendimento (puxações) a uma gestante com sete meses de gestação, entre seu poder de cura com as mãos e dona de um conhecimento ancestral. Essa é a rotina do seu dia-a-dia, fica evidente que a mesma é mais procurada no período da tarde para tais atividades que desenvolve ao longo de sua vida. Durante as

¹²As doenças não-naturais são consideradas aquelas que o tratamento não pode ser feito pela medicina, por exemplo, doenças provocadas por espíritos; doenças provocadas por encantados; doenças provocadas por não-encantados; doenças provocadas por feiticeiros; doenças provocadas por astros (Maués, 1990).

observações participativas pude constatar que, ainda há, uma grande procura pela medicina tradicional da mesma em relação o cuidar das pessoas de forma natural e harmoniosa.

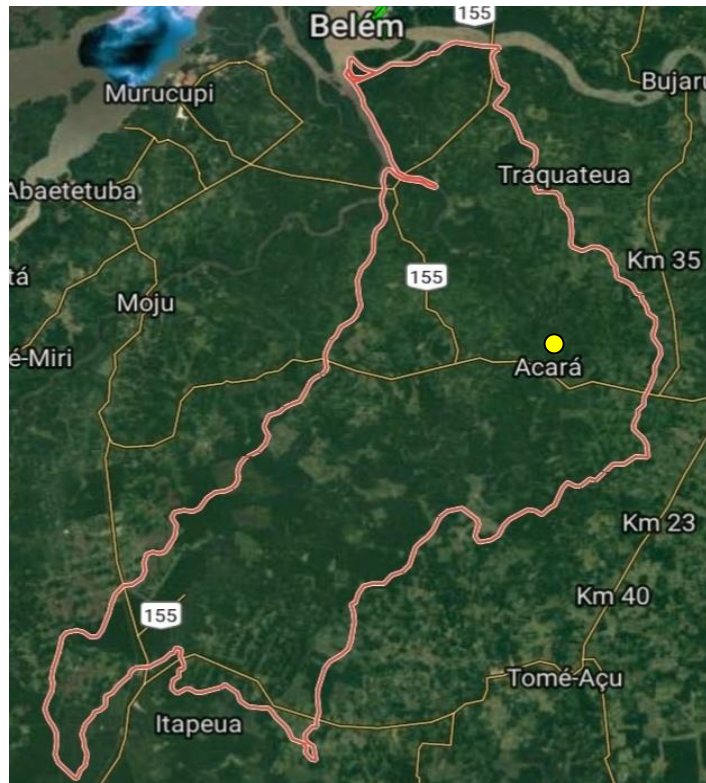
Maria trabalha há muitos anos com essas atividades, fazendo com que ela seja conhecida e reconhecida pelos moradores da comunidade Santíssima Trindade e das demais localidades vizinhas pelo seu poder de benzer com rezas, atendimento as gestantes e qualquer outro tipo de doentes. A comunidade Santíssima Trindade está localizada no Igarapé Itapiocada e seu acesso se dá pela PA 252, Rodovia Acará–Mojú, Ramal km 13, a cerca de 20 km da sede do município de Acará - PA. É composta por entorno de 100 famílias dispostas no perímetro da comunidade. A região é precisamente comum e com limite de várzea. Tem como afluentes diversos igarapés. E está localizada a aproximadamente 120 km de Belém.

A comunidade estudada foi fundada em meados dos anos 60, como Comunidade Eclesial de Base (CEB) Santíssima Trindade¹³. Mensuramos que a cada ano, no centro comunitário acontece há maior festividade religiosa, o círio da padroeira Santíssima Trindade. A solenidade mobiliza a população de localidades próximas, incluindo os membros da própria igreja. O município de Acará onde a comunidade está inserida, integra à Intermediária do Nordeste Paraense e à Imediata Homogênea de Tomé-Açu.

A sede municipal têm as seguintes coordenadas geográficas. 01°57'36" de latitude Sul e 48° 11' 51" de longitude a Oeste de Greenwich. Nas imagens a seguir, apresenta-se um panorama visual da região, bem como o detalhamento da localização da comunidade estudada (Figura 2 e 3).

¹³A origem do nome da referida comunidade, deriva em homenagem a uma antiga catequista que se chamava Trindade, esta pessoa iniciou os primeiros encontros catequéticos naquele local, com decorrer do tempo, formou-se a comunidade Santíssima Trindade e se mantém até os dias de hoje.

Figura 2– Mapa da localização da área de estudo



Fonte: Google Earth, 2019.

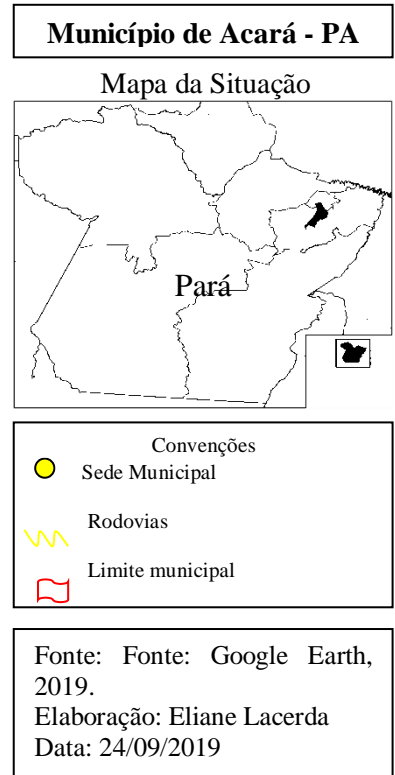
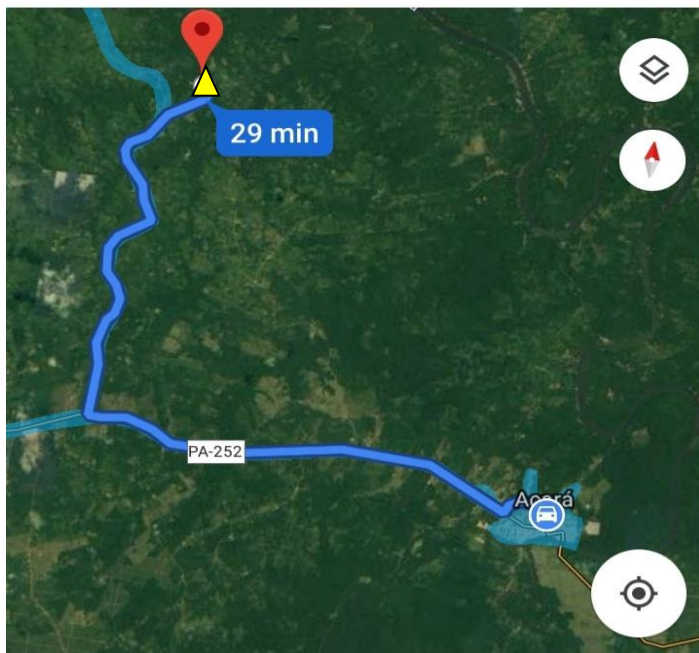


Figura 3– Mapa da comunidade estudada



Fonte: Google Earth, 2019.



As figuras acima demonstram a localização da área de estudo no município e a situação da comunidade, mediante a base de dados cartográficos. Nesta localidade vivem ainda várias famílias tradicionais, que não trocam seu modo de viver, pela cidade grande. Famílias essas, que muitas vezes se beneficiaram e ainda se beneficiam dos conhecimentos da Dona Maria da Paixão.

CAPÍTULO III

OS SABERES E PRÁTICAS DO PARTEJAR: APRENDENDO E ENSINANDO

O objetivo desse capítulo é sobre o conhecimento dos saberes e práticas culturais, desenvolvidos através de um saber tradicional por intermédio da oralidade, numa esfera social que as parteiras, benzedeiras entre outras formas que são conhecidas, transmitem sua sabedoria por meio de trocas de experiências de cura e cuidados relacionados ao parto.

Barroso (2001), fala que com a capacidade de observação e habilidade que parteiras e benzedeiras detém ao longo de seus ofícios no trato das pessoas, faz delas as médicas da comunidade em que vivem. A autora ainda fala que sua sabedoria as tornas pessoas mais importantes no atendimento a saúde da mulher e da criança dos locais onde residem. Esse conhecimento empírico da parteira passa contribuir com um histórico/cultural da comunidade, onde prevalece uma educação não formal vinculada à humanização, bem como, discutimos nos capítulos anteriores.

Nesse sentido, apresento aqui em diante alguns processos vinculados às estas práticas que circunscrevem técnicas, modos de fazer, gestual, objetos e remédios, que muito vinculam tais conhecimentos as ciências da natureza e suas derivações. Observo que tais indicações e resultados oriundos da escuta da Parteira entrevistada, bem como, de outras fontes vinculadas ao tema contribuíram para o desenvolvimento deste capítulo.

3.1 Experiência no ofício de partejar: com quem aprendeu

Segundo relatos da entrevistada até meados de 1980 na referida comunidade, as mulheres tinham seus filhos totalmente em casa por mão de parteiras que eram conhecidas e referência na comunidade ou próxima delas. Seus conhecimentos, ora transmitidos por meio da oralidade, observação e prática, em tempos que, nada se anotava ou computava registros de atividades, como os das parteiras.

A arte de partejar ela é atribuída preferencialmente uma atividade feminina, ou seja, passando a ter uma relação de confiança e respeito, onde era demonstrado pelas parturientes, um estado de conforto no momento do parto. “O saber e ofício de partejar acumulados tradicionalmente pelas parteiras eram visto como uma alternativa de saúde da mulher em áreas rurais” (BARROSO, 2009, p. 1). Nas comunidades rurais, o processo de nascimento em domicílio se apresenta como uma experiência tecida em uma rede de múltiplos significados,

tanto para as parteiras tradicionais como para as parturientes e familiares (BARROSO, 2009, p. 2).

Tanto é, que o processo de aprendizagem do ofício de partejar naquela época, esteve respectivamente ligado um tipo de ensino, onde se repassava os conhecimentos de pessoa pra pessoa verbalmente, onde tudo era armazenado na memória humana. Com isso, tão pouco se sabe eventualmente sobre os saberes e práticas das parteiras. Segundo Melo, Müller e Gayoso (2013, p. 5) “a iniciação no ofício se dá pelo acaso, “destino divino”, ou necessidade, e o aprendizado ocorre na prática e/ou com parteiras mais experientes. O dom, a curiosidade, a escuta e a observação são fatores que integram o ser parteira”.

Com base a esses aprendizados a entrevistada relata que seu saber como parteira, principia jovem, ainda morando com seus pais, a mesma narra que adquiriu esses saberes observando outras pessoas, uma delas, sua avó paterna, por ventura relativamente idosa. Com base a um trecho do artigo Mulher Negra (2016), reforça esses ensinamentos, que assim como de D. Maria, outras pessoas:

Aprenderam com suas mais velhas a reconhecer o poder da natureza e das divindades; a utilizar as ervas e as rezas no momento do parto; a exercer a caridade e irmandade ao estarem disponíveis a qualquer hora do dia ou noite, a qualquer distância para cuidar das mulheres em processo parturitivo; a ter paciência e esperar o momento da mulher e da criança darem o sinal de que “chegou a hora” e que precisarão dela; a ensinar às mulheres como se cuidarem durante o resguardo e também da criança (MULHER NEGRA, 2016).

Com base as palavras da autora, esse processo de aprendizagem, a D. Maria nos relata que estava sozinha com a parturiente quando realizou o primeiro parto:

“Foi assim, eu fiquei em casa com a minha cunhada deu dor nela eu tava com 12 anos, ai ela gritou pra mim cunhadinha, ai fui lá acudi ela a criança já tava no meio nascendo ai eu só peguei um pano, que sempre via minha avo dizer que passava o pano no rosto da criança pra tirar a sujeira, ai eu agarrei o pano e taquei no cara do Agostinho ai limpei o rosto dele, ai virei ele de lado e nasceu.” (Entrevista).

Neste relato, Dona Maria da Paixão revela que foi instruída pela sua avó. E a partir de então, não parou com os trabalhos de acompanhamento as mulheres grávidas, durante o período de gravidez, no intraparto e pós-parto. Assim como sua Avó, Maria aprendeu o ofício de partejar pela tradição oral. Elas são mulheres, sem curso de aperfeiçoamento na área, que a considera ter trazido de berço esse Dom de executar tais atividades do parto e rezas.

Barroso (2001, p. 86) enfatiza que as parteiras; “Elas são escolhidas por possuírem algumas qualidades tais como: curiosidade, sensibilidade e, sobretudo capacidade de memorização, uma vez que a forma de transmissão é oral”. A partir que a tecnologia avança, essas qualidades começam a desaparecer, e começamos a observar constantes mudanças a respeito do parto, aonde hoje em dia crianças não nascem, mas nas casas e sim nos hospitais da cidade mais próxima.

Com isso principiam os benefícios aos partos de riscos, a medicina ela se torna um ponto fundamental na vida da parturiente e do bebê, evitando grandes transtornos. Porém, vale lembrar que tem seus casos de exceções, assim como é benéfico para umas, deixa de ser para outras, como por exemplo, os casos das dificuldades emocionais. O parto tradicional realizado nas casas torna-se episódio do passado, ocasionando o desconhecimento da cultura para a juventude. Com isso, inicia um processo desvalorização e incredibilidade a essas atividades que eram realizadas pelas parteiras tradicionais da comunidade.

Com base, aos preceitos do parto tradicional, nos próximos tópicos serão explícitos os dados coletados, que concebe os saberes, as práticas e valores desse saber-fazer nas comunidades rurais da Amazônia região rural do Município do Acará.

3.2 A Gestação (gravidez)

Para melhor compreendemos esse processo do parto, primeiramente precisamos saber o que é a gestação, bem a gestação é um processo de adaptação da mulher sem filhos para uma mulher que será mãe, ou seja, a partir daí [...] começam as primeiras mudanças corporais, surgem várias questões psicológicas, por exemplo, relacionadas aos desejos durante a gravidez, aos medos e angústia sobre ser ou não ser mãe, medos sobre o bem-estar do feto e a expectativa de mudança de vida (BRASIL, 2012).

3.3 Natureza do saber: Parto natural e métodos tradicionais

3.3.1 Os métodos tradicionais não farmacológicos utilizados

O parto era totalmente natural, em casos raríssimos que ocorria a utilização medicamentosa de chá natural com ervas e plantas (Quadro 1). Sobretudo, o parto era inteiramente fisiológico. “Os conhecimentos sobre as ervas e plantas medicinais das parteiras, são heranças deixadas por seus antepassados, e por isso seguem um ritual misturando fé, crença e sabedoria” (BARROSO, 2009, p. 11).

Quadro 1- Chá para mulher

Raiz, Folha, Ervas, Sementes e Veículo¹⁴	Modo de Preparo	Indicação	Via de administração
Artelãozinho + alfazema + alecrim e pimenta-do-reino	Chá das folhas acrescenta a pimenta moída, tomar quando morno, feito água	Para estimular as contrações durante o parto para parir mais rápido	Oral
Folha de urupê vermelho + alfazema + alecrim + quebra pedra + casca da verônica + grãos de milho (queimado) + tronco da chicória	Chá das folhas junto com a casca da verônica, os grãos de milho e 3 troncos de chicória, tomar até estanca	Para hemorragia	Oral
Erva doce + casca do alho	Chá da erva-doce junto com a casca do alho tomar feito água, 3x ao dia	Para evitar vento na barriga da mulher ou do bebê	Oral

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Os procedimentos não farmacológicos utilizados e citados por D. Maria, durante o momento do parto (intraparto), além dos citados ao quadro acima, outros artifícios eram usados como: ovo cru, o óleo de amêndoa doce, a água inglesa, a massagem (puxações) em alguns casos para ajudar a aumentar as dores, o açúcar e o óleo de andiroba. O ovo cru era utilizado para aumentar as contrações. Quebrava e solicitava à parturiente engolir o produto, ao inserir, [...] *sentia o pitiu e fazia força ai à criança nascia* (Entrevista).

Quanto o óleo de amêndoa doce, utilizava-se para lubrificar as mãos durante as massagens. Um aliado importante em facilitar a “esfreguição” e obter um resultado eficaz, além do, mas D. Maria relata que o óleo havia outros benefícios, como passar na barriga da mulher que ficava inchada (crescia).

¹⁴ Veículo são os líquidos que elas utilizam para produzir os chás e as garrafadas, que caracterizam entre água e bebidas

A prática da massagem é comum entre as parteiras no procedimento de puxar a barriga da parturiente, e é considerado o meio mais importante entre os métodos não farmacológicos, por ser uma manobra que ajuda o bebê a descer e facilitar sua passagem pelo canal, através de meios como este, que as parteiras descobrem as posições em que o bebe se encontra. Corroborando com essas palavras, Oliveira (2014) diz que;

A massagem é uma prática que ajuda o bebê a descer e facilitar sua passagem pelo canal de parto, bem como é uma manobras que faz utilizada para fazer beber mudar de posição intra-uterino durante a gestação. É importante dizer que apenas pela palpação a parteiras sabia se a criança estava cefálica ou não (OLIVEIRA, 2014, p. 24).

Como salienta a autora, a prática da puxação¹⁵ é bastante comum nas comunidades, pois, naquela época não havia recursos como ultrassonografia, mais a parteira através da palpação, identificava a posição do bebê, se nos casos dificultasse a expulsão, muitas vezes a mesma conseguia intervir com eficiência. D. Maria relata outras manobras que a mesma empregava, por exemplo:

[...] Quando a criança ta sentada, não tem que roda a mulher pra frente, tem que rodar assim com a perna pra cima, sacudir (três vezes), e abaixar pra poder criança virar e sair direito. E quando a mulher (parturiente) desmaiava, agarrava e batia na palma do pé dela, ai ela se espantava e tornava de novo, fazia força e o bebê nascia. (Entrevista).

Ainda, em relação às manobras D. Maria descreve que praticava as puxações (massagens) somente a partir do segundo mês de gestação, com auxilio de óleo na barriga da parturiente, procedimento realizado para conhecer a saúde, a posição que o bebê se encontrava e muitas vezes descobrir o sexo, a parteira fazia esse tipo de acompanhamento até o ultimo mês, para evitar complicações, por exemplo, do bebê não estar na posição cefálica. Segundo Oliveira (2014, p. 23):

A parteira ao tocar na barriga na mulher percebia, se a criança estava ou não na posição cefálica, ou seja, mais favorável para nascer. Nesse sentido, utilizavam a técnica da massagem com o óleo de amêndoa para colocar a criança na da posição cefálica. É importante observar que não havia naquele tempo recursos como ultrassonografia, mais a parteira através da palpação identificava a posição do bebê, se nos casos dificultasse a expulsão, muitas vezes conseguia intervir com sucesso.

Podemos afirmar o quão importante a puxação é para o acompanhamento das mulheres grávidas, pois através de atendimento como esse, que a gestante descobria se o desenvolvimento do seu bebe estava proporcional a posição certa, para o momento do parto.

¹⁵ Puxação são massagens pélvicas para ajustar ou reposicionar o feto no útero.

3.4 A melhor posição de dar à luz

Conforme o livro da parteira tradicional aponta que a melhor posição de dar à luz¹⁶ é a verticalizada. Porém, fica critério de cada parturiente encontrar a sua melhor posição de parir. Que podem ser de “cócoras, em pé, sentada ou apoiada em alguém de sua confiança são as posições que facilitam o parto e são mais cômodas” (BRASIL, 2012, p. 82).

Com isso, nota-se através da fala da D. Maria, que as puérperas eram livres para escolherem a melhor posição para ter seu filho de forma espontânea. Observe na fala a seguir:

“[...] Não tinha uma posição certa (padrão), pra algumas era melhor de coca (cócoras), com as pernas meio para trás assim (demonstração) e um banquinho aqui debaixo da cadeira (quadril) pra fica na posição certa, pro neném nascer, tinha que procurar um jeito pra parir, a que fosse, mas favorável a mulher pra ter o bebe, era como ela achava boa, assim eu ajustava; tinha uma que era no canto, outra no meio da casa, outra que era na rede, quando não uma rede limpa, ai colocava uma rodilha de pano, quando não tinha cepo ou banco na hora, era rápido pro bebe descer.” (Entrevista).

Cabe mensurar, que no livro da parteira tradicional do ministério da saúde, fala que deve “sempre ser evitada que a mulher fique deitada de barriga para cima em posição decúbito dorsal/suspino, pois essa posição dificulta a passagem do sangue para o bebê e para ela mesma” (BRASIL, 2012, p. 84).

A entrevistada ainda relata com base os seus conhecimentos, como desvendava o momento exato que a criança estava para nascer, logo após a parturiente encontrar uma posição que melhor lhe agradava, [...] *era assim a mulher ela coloca um liquido (tipo uma goma) com sangue, sinal que criança ia nascer. Agora quando não era hora de nascer, ela colocava um liquido transparente* (Entrevista). Concluem-se as parturientes estariam aptas as suas escolhas, e que as parteiras estariam ali para lhes auxiliar e favorecer suas decisões naquele momento significativo.

3.5 O ambiente e o material usado no parto pela parteira

O ambiente é algo que para a parteira, era fundamental está preparado para chegada do recém-nascido, inclusive com a proporção do local limpo afastava os “males ruins” que elas acreditavam. [...] *A primeira coisa que eu fazia era vê se o chão da casa tava limpo, se não tivesse eu lavava, arrumava a casa, pra não deixar a criança no sujo* (Entrevista).

¹⁶ Dar à luz: Sentido de parir

Alem do ambiente, havia outro cuidado essencial, a roupa do bebê, que teriam de estarem devidamente lavada e arrumada em local separado dos pais da criança, em casos de estarem guardadas juntas, [...] *eu arrumava uma caixa e separava a roupa da criança que a família misturava tudo, ai pegava os panos¹⁷ e defumava pra ficar cheiroso com ervas e folhas (alfazema + alecrim + galho de limão), às vezes não tinha sabão, ai fazia isso pra cheirar a roupa dos bebês* (Entrevista).

Quanto o material utilizado pela parteira para dar assistência ao parto era o básico em comparação preposto pelo ministério da saúde no livro da parteira tradicional que institui o uso de vários, D. Maria descreve os materiais que utilizava com muito orgulho [...] *meus materiais era a tesoura, mertiolate, bacia de inox ou curatá¹⁸, não tinha luva, pegava com a própria mão, ou usava fralda pra cobrir e pega a criança, cortava o cordão umbilical e amarrava com linha ou barbante depois que parasse de bater, depois pegava álcool (queimava pra coloca no topo do imbigo pra ajudar a para de sair sangue).*

3.6 Dequitação: Desprendimento da placenta

Dequitação ou delivramento é a ultima fase do trabalho de parto, processo em que o útero se contrai e expulsa a placenta do corpo da parturiente em alguns minutos. Um período para quem realiza parto, precisa ter bastante cuidado, pois apresenta grandes riscos para a parturiente. Em casos do processo de desprendimento da placenta, ultrapasse o tempo de 30 minutos, a mulher estará correndo sério risco de vida. Diante desta situação a parteira coloca seus saberes e pratica em ação, a mesma conseguia reverter situações complicadas como podemos observar na fala da D. Maria da Paixão:

Assim, tinha mulheres que a placenta era solta, já saia junto com a criança, agora tinha outras que eram pregadas na parede do útero ai tinha que fazer massagem, quando tufava (a placenta) na barriga da mulher, depois que a criança nascia logo tinha que procura onde tava a placenta e amassava pra sair quando ainda tava quente, se esfriasse, não saia normal, ai tinha que cortar, mas não foi meu caso, graças a Deus todas as placentas do parto que eu fiz, saíram normais. (Entrevista).

Após o nascimento, é feita massagem no abdômen para a expulsão da placenta. Durante esse estágio, “podem desencadear-se problemas relacionados com o mecanismo de

¹⁷Panos: Era o enxoval do bebê

¹⁸Curatá é uma barca tirada da palmeira nativa Inajá, que fica coberto os frutos comestíveis da arvore. Quando não havia bacia era o recipiente usado pela parteira durante o parto.

coagulação e de contratibilidade uterina, responsáveis por graves hemorragias, muitas vezes irreversíveis” (SCHUBERT; FREDDI, 1976).

Após a parturiente passa por todo esse procedimento entre as normalidades, as consequências que foram citadas pelas autoras, a puérpera era guiada para o processo de limpeza das áreas íntimas e cuidados pós-parto. Quanto à placenta, periodicamente a parteira ou alguém da família era responsável de enterrar [...] *Lá pro quintal, quanto mais longe era melhor, pois acreditávamos na crença que ajudava a mulher não ter filho muito próximo dos outros, ai alguém fazia o buraco pra por dentro, enterrava, lá ficava.* (Entrevista).

3.7 Puerpério: Pós-Parto

Brasil (2001) Conceitua-se o puerpério o período do ciclo grávido-puerperal em que as modificações locais e sistêmicas, provocadas pela gravidez e parto no organismo da mulher, retornam à situação do estado pré-gravídico. O autor ainda fala que, o puerpério inicia de uma a duas horas após a saída da placenta, que a partir desse momento permanecerá sempre presente na vida da mulher. O período do puerpério também é conhecido como pós-parto e refere-se ao período de 6 a 8 semanas após o parto.

3.8 O Resguardo: recomendação parturiente e bebê

Brasil (2012) O resguardo é o período acelerado de recuperação das alterações que aconteceram no corpo da mulher ao longo da gravidez e do parto. A autoria ainda fala que, é um período de adaptação e aprendizagem para as mulheres, principalmente quando é o(a) primeiro(a) filho(a), por isso exige que elas sejam cuidadas e acompanhadas pela família.

Através desse conceito, a quebra desse resguardo ocorria aparição de sintomas, até mesmo problemas graves, hemorragias ou até a morte, mas a parteira sempre aconselhava as parturientes, se restringirem as relações sexuais, seguirem uma dieta diferenciada e entre outras recomendações. Com isso sempre alguém da família era responsável em ajudar a puérpera, ter sua recuperação seguindo as sugestões, quando não era possível a visita diária de acompanhamento da parteira.

O resguardo tem um período de quarentas dias, visto que nas comunidades rurais a tradição cultural das parteiras era respeitada com base o ritual do pós-parto.

Durante o período de quarenta dias, as parturientes passam todo o tempo sendo monitoradas, e com ajuda da parteira que auxilia pessoas da família nos cuidados, pois elas

não podem ter nenhum tipo de aborrecimento ou fazer esforço. “As parteiras costumam dizer que, até completar a quarentena a mulher está “com pé na cova”. Uma série de recomendações e proibições acompanha essa fase, são procedimentos necessários para que essa fase seja vencida com êxito” (BARROSO, 2001, p. 103).

No andamento do resguardo o sistema imunológico da mulher está vulnerável, e para uma boa recuperação são recomendados remédios naturais a base de chás de ervas, banhos com folhas, garrafadas e massagens prescritas pela parteira. Veja a fala da Maria da Paixão a seguir:

[...] Os banhos que fazia para as mulheres depois do parto era com folhas cheirosas (oriza, folha de trevo, folha de laranja da terra e folha de louro). [...] Fazia o chá com (erva doce com palha de alho) pra evitar vento na barriga. [...] Durante os oitos primeiros dias eu dava água inglesa pra ela tomar pra sarar e tirar dor que sentia, depois fazia massagem na barriga pra diminuir que ficava grande ai defumava com andiroba e açúcar queimado e também pedia a ela pra se lava com casca travosa e pedra hume pra sarar. [...] Nesses oito primeiros dias é o que a mulher levava de parto, resguardo forte, que não podia fazer extremamente nada porque “abaixa o útero da mulher”, [...] depois desses oito dias, a mulher já ia varrer casa, fazer comida e algumas já trabalhavam na roça, agora tinha outras que era ate os 40 dias. Depois dos oito dias do parto recomendava a mulher tomar garrafada pra ela sarar por dentro. [...] No pós-parto durante um período de 15 dias a mulher usava um pano que era esquentado na brasa, pra diminuir a barriga, depois desse período parava de usar. (Entrevista).

Em relação às garrafadas caseiras (Quadro 2) produzidas pela parteira, serviam para curar as parturientes que apresentavam a inflamação de resguardo, além dos mais indicadas para hemorragia, dor de cabeça, entre outras doenças.

Quadro 2 - Garrafadas para mulher em pós-parto

Misturas	Modo de Preparo	Indicação	Via de administração
Casca de caju + folha de verônica + folha de pariri + sálvia do marajó + broto de morta cabeluda+ erva-doce + artelãozinho + água inglesa.	Ferve tudo junto cõa e acrescenta a água inglesa, tomar durante os 8 dias de resguardo, guarda na geladeira em uma garrafa, tomar 3x ao dia	Para a mulher que pariu, fazer a limpeza e sarar por dentro	Oral

Folha de verônica + folha de pariri + erva doce + folha de louro + casca de alho.	Ferve tudo junto côa e guarda na geladeira em uma garrafa, até 15 dias, tomar 3x ao dia.	Para a mulher de resguardo não ficar com problema de barriga.	Oral
--	---	---	------

Fonte: Pesquisa de campo, 2019

As garrafadas¹⁹ caseiras a base de ervas, plantas, casca de pau, são meios de cura para doenças das quais mencionadas acima e entre outros tipos. Maria da Paixão diz que a mulher precisa acreditar e ter Fé no poder de cura do remédio que lhes são receitados através da medicina tradicional. Segundo Barroso (2001, p. 47). “Essa medicina tradicional, é fundada sobre certo modo de transmissão oral e gestual que não passa pela intervenção de instituição médica, mas pelo saber da parteira que tem um profundo conhecimento das ervas e plantas medicinais”.

3.9 Cuidados alimentares da parturiente

O resguardo é um período que implica uma serie de recomendações, dentre elas estão também às crenças de alimentos e bebidas que eram proibidos e os quais as parturientes poderiam comer receitados pela parteira no período de intraparto e pós-parto.

Os alimentos considerados remoso²⁰ que D. Maria recomendava a mulher de resguardo não comer, por ser bastante prejudicial à saúde dela e do recém-nascido:

[...] era carne de porco, caças (paca), peixe de pele (dourada, bagre, mapará, uritinga, jundiá) entre outros peixes – As grávidas não podiam comer de jeito nenhum, porque era anhangá²¹. O Nambu²² é perigo pra matar mulher quando está de parto. O Aracuã²³ também não podia comer. Nos 40 dias de

¹⁹ Garrafadas “são produtos complexos que, de modo geral, consistem em combinações de plantas medicinais veiculadas em bebidas alcoólicas, sendo o vinho a mais utilizada, podendo-se, ainda, utilizar mel, vinagre ou água como veículos”. (PASSOS et al, 2018, p. 249)

²⁰Remoso: É um termo popular muito comum na Amazônia. É uma denominação dada a alimentos que prejudica “faz mal” ao organismo facilitando uma inflamação ou piorando um processo inflamatório já existente.

²¹Anhangá: “a parteira não soube muito explicar seu significado, por ser uma expressão popular dos seus ancestrais”, mas que expressa, a algo que faz muito mal as mulheres e os bebês.

²²Nambu: *Crypturellustataupa*, popularmente conhecido como inhambu-xintã, pé-roxo, bico-de-lacre, chitão, chororó, inhambuxintã, inambuxintã, nambuxintã, nhambuxintã, inamuxintã, inhambumirim, nambuzinho e lambu. É uma espécie de ave de ampla distribuição geográfica que pode ser encontrada no Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina. É terrícola. Ocupa um biótipo intermediário entre a floresta alta e a capoeira. É ave cinegética. Seu canto consiste numa sequência de notas rápidas e descendentes.

²³Aracuã: O **aracuã-comum** (*Ortalisguttata*) é uma espécie de ave da família Cracídea. Pode ser encontrada nos seguintes países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador e Peru. Os seus habitats naturais são: florestas secas tropicais ou subtropicais, florestas subtropicais ou tropicais úmidas de baixa altitude e florestas secundárias altamente degradadas.

resguardo a mulher tinha que evitar esses tipos de alimentos, que fazia mal pra ela e pro bebe. O caldo de carne vermelha não podia comer também, porque dava hemorróida de sangue (muita espuma) no filho. (Entrevista).

Nos primeiros dias de parto e até o fim do resguardo, é preparada uma alimentação específica para as parturientes a base de alimentos permitidos, como principal:

O caldo de galinha caipira, que ajuda a mulher ter leite, era permitido também comer outros tipos de aves como a Sururina, a Rola com arroz e alguns tipos peixes, quando não era cozido era assado. Elas tinham que se alimentar de comidas mais fracas. (Entrevista).

Essa alimentação mencionada pela entrevista, sendo a mais indicada durante o período do resguardo deriva do fato de ser um alimento leve, que não acarretar problemas principalmente na saúde do recém-nascido, como podemos perceber na outra fala acima, onde a mesma menciona os problemas dos alimentos consideráveis não indicados durante esse processo.

Em relação às restrições de bebidas, citadas foi somente cerveja por ser uma causadora de gases. Quanto às outras [...] *elas podiam beber, só não muito, por exemplo, cachaça com pimenta do reino e mel - era pra fortificar a mulher que era fria, vinho – era um ótimo remédio fortificante que a mulher parida bebia* (Entrevista).

Conclui-se, que a mulher o quão seguisse tais recomendações prescritas, traria para ela e para o bebe uma boa saúde ao final da quarentena. Através disso, torna-se importante enfatizar o respeito que as mulheres de antes tinham com relação a essas culturas dos saberes envolvendo o poder de cura. Após a quarentena, eram lhes permitidas à volta para as atividades normais da roça, de casa, e entre outros serviços, mas, de inicio devia-se evitar grandes esforços, pois ainda estava em processo de recuperação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo abrangente sobre a história de vida de uma parteira entre seus saberes e práticas tradicionais. Por esses motivos, ponderamos que esta pesquisa apresentou apenas alguns aspectos relativos ao tema. Pois se sabe que esse objeto é muito amplo tendo em vista outros estudos. Neste sentido, enfatizamos que a questão norteadora do trabalho foram alcançados e contemplados. Durante, o desenvolvimento da pesquisa surgiram questionamentos que tornaram cruciais na tentativa de buscar respostas às questões levantadas.

Resultando, que a atividade desenvolvida pelas parteiras, é uma prática fundamental no contexto cultural da comunidade. Portanto, é essencial que conheçamos esse universo dos saberes e práticas tradicionais dessas mulheres emblemáticas. Pois, através da sua sabedoria inexplicável, por muito tempo, foram consideradas verdadeiras especialistas quando o assunto era cuidar da saúde nas comunidades. Este saber tradicional das parteiras são resultados dos conhecimentos absorvidos, a base da hereditariedade que ainda se encontram guardado na memória.

Como é o caso de Dona Maria da Paixão, protagonista desse estudo, de maneira geral uma mulher acolhedora, sabia e respeitada por muitas pessoas, devido o seu saber rico e diferenciado. No estudo mostra que ela foi uma pessoa muito importante, tornando-se referência local. Verificamos ainda, que a parteira/benzedeira mantêm em suas memórias um enorme legado cultural admirável que jamais pode ser ignorado, ou seja, é uma referência cultural da comunidade, a ponto de termos realizados os estudos entorno de seus conhecimentos, princípios e técnicas, o que nos remete (re)conhecer e valorizar a diversidade patrimonial destas pessoas, .

Pois, não se pode perder pelo descuido nem pelo desconhecimento, esse patrimônio cultural. Para tanto, coube a este trabalho a tarefa de trazer a tona uma memória de um ofício /saber/prática, a e pela fala dos seus sujeitos, escutar e aprender com suas experiências, que acredito ter mergulhado em suas histórias, conduzindo aproximações o conhecimento não formal e a escola, problematizando a necessidade de inscrevermos nos currículos das escolas do campo estes mesmos saberes. Por isso, através da memória, possível relatos de uma história de vida, e por eles os conhecimentos, os métodos tradicionais utilizados e sua importância no parto humanizado, a conexão entre a vida, a natureza e a ancestralidade.

A partir da metodologia aplicada à história de vida e relacionando com outras áreas do conhecimento (Ciências Naturais), conseguiu-se perceber que teve grandes mudanças durante os últimos anos, desde que ocorreram os acessos aos hospitais das cidades. Por exemplo, a prática do parto normal que era totalmente fisiológico realizado pelas parteiras em comunidades tradicionais, em especial na Comunidade Santíssima Trindade, passou a ter a supremacia dos hospitais públicos e privados.

A conclusão que o trabalho chegou, é a de que as atividades desenvolvidas pelas parteiras não apresentam grande reconhecimento para as pessoas de forma geral e na própria comunidade de onde a parteira exerceu seu ofício, tanto é, que a prática do parto tornou-se inexistente na comunidade devido à pretensão dos avanços médicos e passando a ter incredibilidade para essa medicina culturalmente tradicional.

E para finalizar, a pesquisa nos permitiu ainda identificar as relações entre parteira e comunidade vinculada à medicina tradicional. Vale ressaltar que durante as entrevistas conseguimos identificar algumas adversidades, fragilidades e insuficiências. Mesmo com as dificuldades para executar suas práticas com base no recorrido texto, a parteira sempre buscou desenvolver seu trabalho de forma significativa, tornando-se crucial para o desenvolvimento sociocultural das famílias, comunidade e território. Reiteramos que a pessoa em pesquisa continua atuando por meio assistenciais, não com a mesma intensidade de vinte anos atrás.

E por último, mas não menos importante, quero deixar como proposta a ser empregado em estudos da área de história e ciências, essa cultura como processo educativo envolvendo a interdisciplinaridade para os alunos da comunidade, fazendo com que os mesmos possam compreender o quão importante apropriar-se desse conhecimento, grandioso patrimônio cultural da comunidade Santíssima Trindade região rural do Município de Acará-PA.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Rinaldo. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **Ambiente e Sociedade**. v. 2 n. 5, p. 79-92, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X1999000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 18 Abr. 2019.
- BARROSO, Iraci de Carvalho. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias**. Campinas, SP: [s.n], 2001.
- _____. Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejarem domicílio nas áreas rurais. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Amapá, AP, v. 2, nº 2. Dez. 2009.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. **Parto, aborto, puerpério: assistência humanizada à mulher**/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Mulher. Brasília: Ministério da Saúde. 2001.199 p.: il.
- _____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Livro da parteira tradicional / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 2. ed. **Rev. ampl.** – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 172p.: il.
- CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A.C. (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção nos trópicos**. São Paulo: Annablume/NUPAUB/HUCITEC: 2000. p. 165-182.
- COSTA, Cristiane do Nascimento Borges da. **O conhecimento tradicional das parteiras: um estudo na comunidade Kalunga Ema, Teresina – GO**. Planaltina, DF: 2015.
- DIÉGUES, Antônio Carlos S. O mito moderno da natureza intocada. – 6. ed. **Rev. Ampliada** – São Paulo: Hucitec: Nupaub – USP/CEC, 2008, 189 p.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. **Proceedings online...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 15 Ago. 2019.
- GUSMAN, C. R. et al. Inclusão de parteiras tradicionais no Sistema Único de Saúde no Brasil: reflexão sobre desafios. **Rev. Panam. Salud Pública**, v. 4/5, n. 37, pp. 365-370, 2015.
- GRUPO CURUMIM. Trabalhando com parteiras tradicionais: gestação e parto (ONG). Área Técnica da Saúde da Mulher. 2. ed. **Atual e revisada**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.
- HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: **Ed. Centauro**, 2013.
- LIMA, Walter Chile Rodrigues. Saber Tradicional: Suporte para o exercício da territorialidade de uma comunidade no Estuário Amazônico. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v.1, n.1, jan-jun|2009.
- MASCELANI, A. Um mergulho no mundo das parteiras: aquelas que vivem às margens dos rios e igarapés da região amazônica de Caxiuanã e Melgaço, PA. In: JUCÁ, L.; MOULIN, N. (Org.). **Parindo um mundo novo: Janete Capiberibe e as parteiras do Amapá**. São Paulo: Cortez, 2002. p.112-125.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada: medicina e xamanismo**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1990. 271 p.

_____. Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia. [online]. Rio de Janeiro: **Editora FIOCRUZ**, 1994. 174 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/tj4g/pdf/alves-9788575412763-06.pdf>. Acesso em: 05 Ago. 2019.

_____. Catolicismo e xamanismo: comparação entre a cura no Movimento Carismático e na pajelança rural amazônica. Florianópolis: **Ilha Revista Antropológica**, v. 4, n. 2, dezembro de 2002, p. 51-77. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15120>. Acesso em: 10 Set. 2019.

MELO, J. M.; Müller, E.; Gayoso, D. B. Parteiras tradicionais de Pernambuco: saberes, práticas e políticas. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10. 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFPe, 2013. p. 1-12. Disponível em: http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1380747140_ARQUIVO_PARTEIRAS_TRADICIONAIS_DE_PERNAMBUCO.pdf. Acesso em: 05 Ago. 2019.

MESQUITA, Elaine Cristina. “ENTRE PRÁTICAS E SABERES” Parteiras práticas, parteiras técnicas e médicos-parteiros. In: Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero, nº 18, 2014, Recife. **Anais...** Recife: UFPe, 2014. 753-765. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2311/674>. Acesso em: 10 Set. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed., São Paulo: **Hucitec**, 2004. 406 p.

MULHER NEGRA, 2016. **A arte de partejar: o legado das parteiras tradicionais como herança ancestral e os impactos para a saúde das mulheres**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/arte-de-partejar-o-legado-das-parteiros-tradicionais-como-heranca-ancestral-e-os-impactos-para-saude-das-mulheres/>. Acesso em: 02 Ago. 2019.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. Pesquisas e práticas psicossociais [online]. São João Del Rei, vol.12, n.2, p. 466-485. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 Abr. 2019.

OLIVEIRA, Vilma Benedito de. **Saberes e práticas das parteiras Tupinikim**. 2014. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (enfermagem) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PASSOS, M. M. B. dos. et al. A disseminação cultural das garrafadas no Brasil: um paralelo entre medicina popular e legislação sanitária. **Saúde em Debate**. [online], Rio de Janeiro, vol. 42, n. 116, p. 248-262, JAN-MAR 2018.

PIMENTA, Déborah Giovana. et al. O parto realizado por parteiras: uma revisão integrativa. **Revista eletrônica trimestral de Enfermeria**. Espanha, v. 12, n. 30, p. 494-505, abr. 2013,. Disponível em: http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v12n30/pt_enfermeria2.pdf. Acesso em: 18 Abr. 2019.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Vivências cotidianas de parteiras e ‘experientes’ do Tocantins. **Revista Estudo Feministas**. Florianópolis, v. 10, p. 441-448, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 Abr. 2019.

_____. Gênero e Etnicidade: histórias e memórias de parteiras e curandeiras no norte da Amazônia. **Revista Gênero na Amazônia**, Belém, v. 2, p. 201-224, jul./dez., 2012a.

_____. História, Memória e Poder Feminino em Povoados Amazônicos. [S.l.: s.n.], 2012b.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SCHUBERT, M.Z.B e FREDDI, W.E.S. Escoamento do sangue funicular como método auxiliar do deslocamento da placenta. **Rev. Bras. Enf.**; Distrito Federal, 29:24-29, 1976. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671976000200024. Acesso em: 04 Set. 2019.

SHENCKEL, Marcio André. **Diagnosticando a medicina científica e holística: Um enfoque historiográfico político-social e humano**. 2013. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de História e Historiador, Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, Três Passos, 2013.

SILVA, Gissele Vanessa Teixeira da. **A prática das benzedeiras no mercado do ver-o-peso: um estudo sobre mulher, gênero e religiosidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências da Religião) – Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2006.

SILVA, S. C. P. et al. A coleta de produtos florestais nas comunidades da área de atuação do PIATAM. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA H. S.; WITKOSKI, A.C. (Org.). **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: Reggo Edições, 2011. p. 141-154.

STUDNICKA, Rosana Lopes. Resgatando saberes e fazeres de mulheres que atuaram como parteira: entrelaçando educação e história da região serrana de Sc. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30., 2007. Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-3205-int.pdf>. Acesso em: 10 Jun. 2019.

TORNQUIST, C. S. Parteiras populares: entre o folclore e a escrita. **Revista Gênero**, v. 6, n. 1, p. 61-80, 2005.

ZÚÑIGA, Natalia Monge. **Saberes, práticas e histórias de vida de parteiras tradicionais da Resex Mapuá, ilha do Marajó**. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Amazônicas) – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA, Universidade Federal do Pará- UFPA, Belém, 2017.

ENTREVISTA

LACERDA, Maria da Paixão Maia. Depoimento Oral. Acará, 24 de Maio de 2019.

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA PARA A PARTEIRA

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Local / cidade:

Nome:

Apelido:

Endereço completo com CEP:

Comunidade:

Cidade / Estado:

Estado civil:

Idade (data nascimento):

ROTEIRO para conversa aberta, semiestruturada:

1. Há quanto tempo mora nessa comunidade? Onde morava antes? Onde nasceu? por que se mudou? Como foi a mudança?
2. Qual religião segue? Como se denomina em relação à cor?
4. Fale sobre sua história pessoal, o que a levou a ser parteira? Quando, como e com quem aprendeu a partejar? Por que começou a partejar?
5. Continua partejando? Continua sendo chamada para atender partos? Nos últimos anos, como tem sido a prática de parteira (o que mudou de antigamente para agora)? Consegue manter suas atividades de Parteira Tradicional? Como? Que tipo de retorno recebe como Parteira? Deseja continuar partejando?
6. Quantas mulheres a chamaram para cuidar delas? De quantas mulheres cuidou e ajudou até o nascimento e depois do parto? É chamada para outros cuidados de saúde? Quais?
7. Fale sobre as práticas de cuidado, resguardo, as massagens, os banhos, os toques, as manobras (ajeitar o menino), etc.
8. O que utiliza quando esta partejando (chás, benzimentos, banhos, ervas, rezas, cantos de rezas e simpatias)? Quais os cuidados que toma com o ambiente (local) do parto?
9. Como se prepara para atender às mulheres que a chamam? Quais as práticas que fortalecem e ajudam a atender às mulheres?
11. Quais as práticas utilizadas para cuidar do recém-nascido? E do umbigo? E da amamentação?
12. Quais as práticas que conhece e usa durante o resguardo?
13. Falar sobre o que mais a agrada no exercício desta função de Parteira. E sobre as dificuldades que enfrentam ao desempenhar esta função.
14. **Transmite ou transmitiu** suas experiências e conhecimentos de Parteira Tradicional? Como isso acontece? Existe interesse das pessoas da comunidade em aprender os conhecimentos e ofícios das parteiras?

15. O que **significa** o momento do Parto? Conhece e/ou usa alguma prática que ajude as mulheres a lidar com a dor no parto?

16. Que tipo de materiais utilizava para realizar os partos.

ANEXO B - TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, eu
 Entrevistado(a): Maria da Paixão Maia Lacerda
 RG: 1940184 emitido pelo(a): Polícia Civil

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
PA 252, ROD. Acara-Moju, Ramal Km 13/Comunidade
Santíssima Trindade, Acara / Pará / 68690-000

Declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

Eliane Lacerda Castro
 CPF: 020.098.422-51 RG: 6722584, emitido pelo(a): PC

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
PA 252, ROD. Acara - Moju, Ramal Km 05 - Barro Alto
Comunidade São Paulo / Acara / Pará / 68690-000

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Acara, Estado Pará, em 24/05/19, como subsídio à construção de tcc, dissertação, tese, artigo, exposição e relatórios relacionados a atividades acadêmicas do Curso de Licenciatura em educação do campo no âmbito da FADECAM/ Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo - Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba, O (a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Acara - PA, 24 de Maio de 2019

Maria da Paixão Maia Lacerda
 (assinatura do entrevistado/a)

ANEXO B - TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM

Pelo presente documento, eu
 Entrevistado(a): Maria da Paixão Maia Lacerda
 RG: 1940184 emitido pelo(a): Polícia Civil

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
PA 252, ROD. Acará-Moxi, Ramal Km 13 / Comunidade
Santíssima Trindade / Acará / Pará / 68690-000

Declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

Eliane Lacerda Castro
 CPF: 020.098.422.51 RG: 6722584 emitido pelo(a): PC

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):
PA 252, ROD. Acará-Moxi, Ramal Km 05 - Barro Alto
Comunidade São Paulo / Acará / Pará / 68690-000

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais das imagens de caráter histórico e cultural ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) fotógrafo (a) aqui referido(a), na cidade de Acará, Estado Pará, em 06/08/19, como subsídio à construção de tcc, dissertação, tese, artigo, exposição e relatórios relacionados a atividades acadêmicas do curso de Licenciatura em Educação do Campo realizado no âmbito da FADECAM/ Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo - Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba, O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, as mencionadas imagens fotográficas, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso as mesmas para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo.

Local e Data:

Acará - PA, 06 de Agosto de 2019

Maria da Paixão Maia Lacerda
 (assinatura do entrevistado/a)